

ARRIGUCCI Jr., Davi. *Coração Partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac&Naify, 2002.

Paulo da Luz Moreira
Universidade Santa Bárbara – USA

Coração *Partido* está organizado em torno do que o autor chama de “leitura cerrada” de um número relativamente reduzido, porém muito bem escolhido, de poemas de Carlos Drummond de Andrade¹. Essas leituras, sensíveis aos detalhes do texto e discretamente eruditas são feitas em prosa elegante e clara, e por si só já valeriam o livro, mas Davi Arrigucci Jr. vai além ao articulá-las em torno de idéias bastante interessantes sobre a poética drummondiana em geral.

O ponto de partida do livro é a constatação de que uma das características marcantes da obra de Drummond é um lirismo reflexivo com origens no romantismo que é

filtrado através do que podemos chamar hoje de tradição modernista. A análise da configuração desse lirismo na sua poesia é importante na medida em que indica o caminho para um trabalho comparativo que consiga situar Drummond dentro da poesia ocidental moderna sem os vícios da crítica de fontes e influências.

Tal lirismo reflexivo romântico de extração modernista pretende ir além do mero registro subjetivo de fatos para tornar-se um meio de pensamento, expressão para uma subjetividade que se dobra sobre si mesma. O eu-poético inquire sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre a linguagem, perplexo mas consciente ao

¹ São eles, “Poema de Sete Faces”, “Sentimental”, “No meio do Caminho”, “Áporo” e “Mineração do Outro”.

dedicar-se à difícil tarefa de exteriorizar em forma de linguagem a marca que o mundo lavra na sua alma. Para tal promove-se uma fusão poderosa de elementos: de um lado a precisão na expressão do sentimento típica do melhor da lírica romântica inglesa e alemã tal como postulada na definição de Wordsworth (“poetry is emotion recollected in tranquility”); de outro, o marcado distanciamento irônico e o sentido agudo da dificuldade da tarefa poética que são resultados da necessidade de encarar o caráter problemático da poesia e da linguagem em geral no século XX.

A partir da leitura de “Áporo”, Davi Arrigucci Jr. busca mostrar que Drummond “faz da dificuldade arte”, evitando uma impressão de naturalidade ou facilidade no discurso, buscando sempre realçar o sentido de luta e esforço do fazer poético. Tal atitude não é de forma alguma gratuita – a obra de Drummond está marcada pela plena consciência de que o “sentimento do mundo” (essa marca que o mundo deixa na alma do poeta) é portador de contradições irreconciliáveis. Afinal de contas, ele é algo indizível, um obstáculo que, ao mesmo tempo, atrai e impede o caminho da reflexão.

Esse obstáculo toma na poesia drummondiana a forma reiterada do motivo do enigma nas mais

diversas figurações, entre elas a paradigmática “pedra no meio do caminho”. O enigma desloca a reflexão para um instigante espaço intermediário de busca, entre *logos* e *mythos*, e nesse espaço proliferam as imagens poéticas, mas nenhuma solução. Sendo uma não-resposta, o enigma representa uma fonte inesgotável de tensões que geram as perguntas que vão constituir a reflexão. Em função dessa reflexão sobre o enigma, conceito e imagem aparecem nos poemas tecidos em complexas construções labirínticas onde, ao invés da decifração do enigma, somos confrontados com o sentimento de fraqueza e impotência produzido pelo encontro que não redunde em desenlace. Assim, ao invés do egotismo romântico, temos a sensação de impotência do Eu perante o mundo.

Coração Partido também traz, de forma discreta, uma leitura da fortuna crítica de Drummond, propondo algumas correções de curso. A divisão da obra em três fases distintas (“estritamente modernista”, “engajada” e “madura”) frequentemente leva a equívocos, entre eles a idéia de que haveria um apaziguamento das tensões na obra madura de Drummond. A procura que marca o lirismo reflexivo do poeta mineiro vem desde seu primeiro livro e não muda a sua natureza aporética na madureza – ao

contrário: aumenta o sofrimento na medida em que a reflexão fica ainda mais aguda e o discurso ainda mais consciente de seus limites e portanto ainda mais tortuoso. Como exemplo, Arrigucci Jr. aborda na leitura do poema “Mineração do Outro” o amor, tema freqüente da obra que ganha proeminência ainda maior na chamada fase madura. Para Arrigucci Jr. o amor sempre aparece em Drummond como o desejo impossível de unidade do ser além da matéria em que penetra, longe de qualquer apaziguamento cordato. Assim o coração torna-se o centro do enigma nesses poemas e a paixão transforma-se em desejo de inquirir sobre a razão da discórdia. O amor é portanto um sentimento contrariado na medida em que no outro o nada se fragmenta e se aniquila ainda mais.

Resta ainda outra divergência essencial com outros críticos da obra de Drummond, e essa é talvez ainda mais importante por trazer implicações mais gerais que transcendem a tarefa de leitura da obra do poeta mineiro. Tentemos refazer rapidamente uma outra parte do argumento de *Coração Partido* para compreender essa divergência. Uma das características básicas da poesia de Drummond é o uso de materiais heterogêneos/divergentes e uma ambigüidade no tom, elementos essenciais para uma

síntese formal que mantém as tensões pulsando no poema sem anular as diferenças: temas divergentes são assim modulados entre riso e seriedade, expansão e retraimento, surpresa ou comicidade e dobras reflexivas ou o sublime e o degradado. A coerência final de cada poema é uma articulação possível do conflito em uma estrutura de tensões equilibradas, e nesse ponto Arrigucci Jr. está de acordo com Antônio Cândido, que já via nessas tensões uma marca distintiva da obra do poeta mineiro. Seria portanto contraproducente colocar o formal e o social, o modernista e o classicizante em campos opostos na poesia de Drummond, erro em que muitos outros críticos incorreram. Todos esses elementos estão presentes na sua obra desde o início, como a análise de Arrigucci Jr. para “Poema de Sete Faces” (significativamente o poema de abertura do primeiro livro do poeta) demonstra de forma eloqüente.

Sem ser um livro de pretensões teóricas, *Coração Partido* acaba sugerindo uma reflexão bastante útil para qualquer leitura crítica de poesia. A configuração formal, a crítica sobre o fazer poético e a consciência histórica de uma obra simplesmente não se separam na poesia lírica. Enquanto registro da interioridade, a obra torna-se historiografia do inconsciente. A

história (o mundo) sempre ecoa na lírica na medida em que esta é expressão dos momentos mais tensos e importantes da existência, mas ela é substância viva transformada em problema estético, incrustado na forma de um poema. Portanto, é um erro sucumbir à tentação de tentar colar a biografia do autor à sua obra e pensar em um Drummond “engajado” ou “formalista”, ora próximo, ora distanciado

da “realidade” (palavra bem mais traiçoeira do que o seu uso frequente sugere – Nabokov já dizia ela era a única palavra que só pode ser usada entre aspas). Em termos mais gerais, tentar ver uma poesia ora como mais social e portanto necessariamente menos formal ou vice-versa é um beco sem saída que deveria ser evitado, mas que ainda é infelizmente freqüentado por parte da crítica no Brasil.